Programa e Livro de resumos

O Instituto de Etnomusicologia Centro de Estudos em Música e Dança convida para o

1.º Encontro

Linha Temática

Poder, Política e Ativismo

02 de dezembro 2026 . 09h00 - 19h00

Local: BOTA – Largo de Santa Bárbara, 3D, Anjos, 1150-287 Lisboa

Entrada livre



Este evento foi financiado com fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto INET-md - Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança, referência UID/00472/2025, DOI: 10.54499/UID/00472/2025.

1.º Encontro da Linha Temática *Poder, Política e Ativismo* (LT PPA)

Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança

Num contexto global marcado pelo recrudescimento das tensões geopolíticas, pelo avanço de discursos autoritários, pelas desigualdades estruturais e pelos impactos das alterações climáticas, as práticas artísticas afirmam-se como espaços de reflexão crítica, resistência e transformação social. Em Portugal, este cenário manifesta-se também através de mobilizações coletivas e reivindicações intersecionais, como as protagonizadas pelas Acampadas, nas quais a juventude assume um papel central na linha da frente da ação política. Estas formas de mobilização articulam diferentes causas e modos de intervenção, incluindo práticas de ativismo artístico, que mobilizam a música, a dança, a performance e outras expressões criativas como instrumentos de contestação.

Neste quadro, torna-se particularmente relevante aprofundar as relações entre poder, política e ativismo, considerando as artes não apenas como objetos de investigação, mas também como formas de produção de conhecimento, intervenção social e transformação coletiva.

Criada em 2024, no âmbito do projeto estratégico do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md), a Linha Temática *Poder, Política e Ativismo* (LT PPA) procura aprofundar o estudo destas relações através de perspetivas interdisciplinares e epistemologias plurais. Articulando investigadorxs dos quatro polos e seis grupos de investigação do Instituto, a Linha promove o diálogo entre áreas científicas e artísticas. Dedica particular atenção às dinâmicas de resistência social, às questões pós-coloniais e decoloniais, à emergência climática, às desigualdades estruturais e aos processos de discriminação relacionados com género, sexualidade, raça, etnia e corporalidade.

O 1.º Encontro da LT PPA nasce da vontade de reforçar esta transversalidade e de criar um espaço de partilha ao vivo que vá além dos circuitos habituais de apresentação científica. A interdisciplinaridade é aqui entendida como uma escolha metodológica e epistemológica: um convite ao cruzamento de perspetivas, conceitos, metodologias e práticas artísticas, capaz de ampliar a compreensão das realidades artístico-culturais relacionadas com o poder, a política e o ativismo.

As sete apresentações/performances que integram este Encontro constituem uma primeira ocasião de dar a conhecer a diversidade de abordagens, perspetivas e campos de investigação que atravessam o INET-md. Através de diferentes formatos e linguagens, incluindo música, dança, performance, vídeo e fotografia, propõem-se momentos de reflexão, experimentação e diálogo crítico. O evento gratuito pretende, assim, afirmar-se como uma iniciativa aberta, acessível a todas as pessoas interessadas, promovendo a circulação de conhecimentos.

Será um prazer poder contar com a vossa participação neste dia de encontros!

Alix Didier Sarrouy
Coordenador da Linha Temática *Poder, Política e Ativismo* – INET-md, NOVA FCSH

Programa

09h00: Boas-vindas

I **09h30 – 10h45: Rui Chaves**, "Pontos de escuta, pontos de resistência: um ensaio audiovisual com *Des-habitar Escutas*"

Coffee-break

II **11h00 – 12h00: Cecília de Lima e Valéria Carvalho**, "Corpo-mundo, corpo-território: mediação artística, participação comunitária e emancipação em bairros sociais de Oeiras"

III **12h00 – 13h00: Andrew Snyder**, "Postcolonial Intimacy: Brazilian Music and Carnival in Portugal"

Almoço

IV **14h00 – 15h00: Gerardo Nicoletta**, "Sonic Energies. Traditional woodwind Craftsmanship as epistemic Resistance in rural Southern Italy"

V **15h00 – 16h00: Caio Mourão**, "'Revejo a carta que escrevi e o gajo que não respondeu': novas fadistas LGBT+ dentro do fado"

Coffee-break

VI **16h30 – 17h30: Filippo Baraldi**, "Pequeno contributo para uma etnomusicologia performativa"

VII **17h30 – 19h00: Klênio Barros e Eduardo Falcão**, "As relações de poder na criação musical colaborativa: negociação de hierarquias e produção de legitimidade no projeto *Sons com sabor de casa*" (apresentação e performance coletiva)

Local do Encontro
BOTA – Base Organizada da Toca das Artes (Toca das Artes – Núcleo Cultural)
Largo de Santa Bárbara, 3D
1150-287 Lisboa

Como chegar
Metro: estação Anjos (Linha Verde), a cerca de 3 minutos a pé.
Autocarros: 712, 726, 730 e 17B.

Mais informações: www.botaanjos.com

Resumos das comunicações/performances

I. Pontos de escuta, pontos de resistência: um ensaio audiovisual com *Des-habitar Escutas*

Rui Chaves

Esta comunicação apresenta um ensaio audiovisual com o projeto *Des-habitar Escutas: Escuta em Disputa na Cracolândia* (2024), de Lílian Campesato e Valéria Bonafé. Baseia-se em trabalho de campo em São Paulo (setembro–novembro de 2026), no âmbito do projeto Revolutions per Minute (FCT/CEEC).
A poucos passos da Sala São Paulo, a Cracolândia, Craco ou Boca do Lixo, era uma zona de consumo aberto do crack, sujeita a sucessivas operações de higienização urbana. O contingente policial que ocupou a Cracolândia bloqueava e controlava quem podia estar nas ruas daquele território da cidade. O discurso oficial é o de patologizar, criminalizar os seus frequentadores.
Na grande mídia, quase nunca a sua voz é escutada. A sua humanidade é reduzida à condição de vítima ou de criminoso, ou são peões no jogo do tráfico de droga, da lavagem de dinheiro ou da especulação imobiliária. Foi neste contexto que as artistas colaboraram com organizações e moradores do território, deslocando a escuta para modos de viver não dominantes. Trata-se de des-habitar o nosso lugar de escuta. Nesse deslocamento, e nos diferentes trabalhos artísticos que emergem do projeto, as artistas articulam diferentes pontos de escuta sobre a vida possível no território. Os seus frequentadores são cidadãos no espaço público, cuja resistência não se dá por aderência a um manual operativo, mas pelo simples facto de reagir e permanecer num território que era alvo de constante violência física e simbólica.
A chave de leitura é biopolítica: o capitalismo contemporâneo captura a própria vida, o afeto e o desejo (Hardt & Negri, 2000). Suely Rolnik (2018) descreve como essa captura opera sobre a subjetividade em dois planos: no macropolítico, aprofunda a desigualdade e mantém o status quo; no micropolítico, atua sobre o inconsciente, estreitando o que somos capazes de desejar, experienciar e imaginar, ferindo a pulsão vital de que vivemos e criamos. No Brasil, o ressurgimento de forças fascistas intensifica esta captura. Para Rolnik, insurgir-se é restaurar a abertura, permitir-se ser afetado pelo diferente e reagir criticamente à hegemonia. Sem a romantizar, a resistência é aqui lida, com Abu-Lughod (1990), como diagnóstico do poder: os gestos de insurgência revelam as forças que procuram conter a vida.
A interdisciplinaridade constrói-se no interior do percurso de investigação: o trabalho inscreve-se nos estudos do som e é atravessado pela viragem multimodal na antropologia (Collins, Durington & Gill, 2017) e pela tradição do ensaio audiovisual como forma de pensamento em processo (Corrigan, 2011).
Dado o seu carácter híbrido, proponho o formato de 45 minutos: a projeção integral do ensaio (30 minutos), com breve enquadramento e conversa. Mais do que apresentar conclusões, o ensaio procura abrir um espaço de reflexão coletiva com *Des-habitar Escutas* e sobre outras formas de produzir conhecimento em música experimental e arte sonora.

Palavras-chave: Lugar de escuta; Resistência; Cracolândia; Ensaio audiovisual; Estudos do som.

Referências bibliográficas

Abu-Lughod, L. (1990). The Romance of Resistance: Tracing Transformations of Power through Bedouin Women. *American Ethnologist, 17*(1), 41–55.
Collins, S. G., Durington, M. & Gill, H. (2017). Multimodality: An Invitation. *American Anthropologist, 119*(1), 142–146.
Corrigan, T. (2011). *The Essay Film: From Montaigne, After Marker*. New York: Oxford University Press.
Hardt, M. & Negri, A. (2000). *Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições.

Nota biográfica

Rui Chaves, professor, artista e investigador na área dos estudos do som, com trabalho em performance e arquivo. Doutorado em Música pela Queen's University Belfast (2013), foi investigador de pós-doutoramento no NuSom, Núcleo de Pesquisas em Sonologia da Universidade de São Paulo. Em 2019, coeditou com Fernando Iazzetta o volume *Making It Heard: A History of Brazilian Sound Art* (Bloomsbury) e colaborou na curadoria de álbuns do netlabel Berro com artistas experimentais brasileiros. Entre 2020 e 2024, foi professor visitante no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é investigador auxiliar no INET-md, com o projeto Revolutions per Minute: Finding Utopia(s) in Brazilian Sound Art, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (CEEC, ref. 2024.07928.CEECIND). Como artista, trabalha sobretudo em registos poéticos, em torno da relação entre som, memória e narrativas pessoais e coletivas.

rmchaves@fcsh.unl.pt

II. Corpo-mundo, corpo-território: mediação artística, participação comunitária e emancipação em bairros sociais de Oeiras

Cecília de Lima e Valéria Carvalho

Que corpo se produz quando a criação artística se faz com, e não sobre, comunidades historicamente silenciadas?

Esta comunicação parte da noção de corpo-mundo para interrogar práticas de mediação artística em bairros de habitação social do concelho de Oeiras. O corpo-mundo designa a perceção do corpo como fluxo relacional contínuo, poroso e em transformação: um corpo que incorpora o mundo e nele se desincorpora. Num mundo marcado pela aceleração, que privilegia a reação sobre a reflexão e aplana a diferença, esta perceção exige tempo para sentir, escutar e contemplar. Opõe assim um tempo corporal ao tempo da máquina e resiste ao que Virilio designa por cronopolítica.

O corpo-mundo contrapõe-se ao corpo-produto (objeto biológico, de competição ou de beleza normativa) e às categorizações que fixam os corpos segundo género e raça. Propomos alargá-lo do plano ecológico ao histórico e social: o corpo que respira, pesa e toca transporta também travessias migratórias, memórias familiares e continuidades do legado colonial inscritas no território. Aproxima-se, assim, da leitura do corpo feminino negro como território político e poético.

O eixo central é Urubu, criação em dança contemporânea com mulheres afrodescendentes da Outurela, desenvolvida no Mestrado em Criação Coreográfica da Escola Superior de Dança. Este projeto é posto em diálogo com *Bairro Encena*, projeto de formação teatral da Associação Cultural Palco Unânime com jovens adultos de cinco bairros de Oeiras. Em *Urubu*, práticas de dança e somáticas intensificaram a consciência sensoriomotora. Permitiram que gestos de mães e avós, modos de caminhar e de cuidar se tornassem matéria coreográfica sem representação literal. A memória emerge como saber incorporado, e a singularidade de cada corpo deixa de ser desvio para se tornar linguagem. Desloca-se assim a relação com o mundo de uma lógica de domínio e consumo para uma dinâmica permeável e interativa do movimento.

Cruzando o corpo-mundo com a mediação artística, entendida como processo relacional, situado e participativo, discutem-se três aspetos: a construção de agência e coautoria dentro de uma estrutura orientada; a autonomia, que emerge de forma gradual e diferenciada e a apresentação pública como espaço de aparição, onde ocupar a cena com corporalidades próprias se torna gesto coreopolítico de visibilidade e reconhecimento. Interrogam-se também os seus limites: as relações de poder entre mediadoras e participantes, o risco de instrumentalização das comunidades e a impossibilidade de generalizar transformações. A continuidade, o cuidado e o respeito por ritmos diferenciados surgem como condição ética e política, em tensão com a lógica produtiva de muitos projetos financiados.

O cruzamento entre dança, teatro, fenomenologia, cognição incorporada e mediação artística orienta-se para uma perspetiva transdisciplinar. Essa perspetiva recusa reduzir as participantes a uma definição ou identidade homogénea. Reconhece diferentes níveis de realidade e de conhecimento (sensível, corporal, comunitário, académico) e procura uma cocriação de saber em que nenhum lugar cultural se afirma como privilegiado.
A comunicação será apresentada em conjunto com Valéria Carvalho, coordenadora dos projetos. Articulará reflexão teórica, excertos de documentário, testemunhos das participantes e registos audiovisuais, pondo em diálogo vozes da comunidade, prática artística e análise crítica.

Palavras-chave: Coreopolítica; Corpo-mundo; Mediação artística; Participação comunitária; Transdisciplinaridade.

Notas biográficas

Cecília de Lima, professora adjunta nos cursos de Licenciatura e Mestrado da Escola Superior de Dança (IPL) e investigadora integrada no INET-md, onde desenvolve investigação sobre as relações entre a criação coreográfica, a fenomenologia, as ciências cognitivas e as práticas somáticas, bem como nos domínios da mediação artística e da dança em contextos tecnológicos. Ao longo do seu percurso integrou a equipa de vários projetos de investigação financiados pela FCT e é autora de diversas publicações em revistas internacionais, livros e atas de encontros científicos.
Iniciou a sua carreira profissional como coreógrafa e bailarina em 1999, colaborando com diversos criadores europeus. Foi codiretora artística da companhia Canvas Performing Arts (Países Baixos) e lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Amsterdam University of the Arts, a ArtEZ University of the Arts, a Universidade Aberta e a Faculdade de Motricidade Humana.
É mestre em Criação Coreográfica pela ArtEZ University of the Arts (Países Baixos) e doutorada em Dança pela Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana.

ceciliadelima@gmail.com

Valéria Carvalho, artista multidisciplinar brasileira, mestre em Criação Coreográfica pela Escola Superior de Dança, instrutora de yoga, professora de Artes Cênicas e de Expressão Corporal. Desde 2004 desenvolve trabalho de intervenção artística e comunitária em bairros periféricos do concelho de Oeiras, utilizando as artes performativas como ferramentas de inclusão, participação cultural e transformação social. É fundadora e diretora artística da Associação Cultural Palco Unânime e criadora do projeto *Bairro Encena*, iniciativa dedicada à capacitação artística e ao desenvolvimento de jovens em contextos de vulnerabilidade social. A sua prática cruza investigação artística, teatro, dança e trabalho comunitário, com especial enfoque em processos de emancipação, representatividade e valorização das comunidades afrodescendentes. Em 2023 foi distinguida, na Assembleia da República Portuguesa, com o Prémio Migrante, na categoria Cultura, em reconhecimento pelo seu contributo para a promoção da diversidade cultural e da inclusão através das artes.

III. Postcolonial Intimacy: Brazilian Music and Carnival in Portugal

Andrew Snyder

Através de um resumo do meu próximo livro, *Postcolonial Intimacy: Brazilian Music and Carnival in Portugal*, esta comunicação abordará o cruzamento teórico entre a etnomusicologia, a teoria do afeto e os estudos pós-coloniais. Aproveitando o período final de revisão do livro, a apresentação propõe uma reflexão sobre a articulação entre estes diferentes campos teóricos, procurando discutir com os colegas da conferência os seus conceitos, possibilidades e desafios analíticos.

O livro explora de que forma o vasto panorama das expressões musicais brasileiras em Portugal, especialmente aquelas praticadas por imigrantes brasileiros, negocia e transforma afetivamente as relações pós-coloniais entre a antiga colónia sul-americana e a antiga metrópole europeia. Distintamente de muitos estudos sobre cenas musicais migrantes centrados na alteridade dos migrantes, argumento que a imigração pós-colonial de brasileiros para Portugal é condicionada pela intimidade pós-colonial: um contexto afetivo de familiaridade assente na relação pós-colonial entre os dois países, na partilha da língua e nos legados de circulação de pessoas, expressões culturais e cultura material.

Apesar da conotação positiva da palavra, por intimidade não pretendo sugerir uma relação de entendimento mútuo, especialmente numa Europa contemporânea cada vez mais marcada pela xenofobia. Pelo contrário, a intimidade pós-colonial constitui uma tensão ambivalente entre semelhança e diferença inerente à relação pós-colonial luso-brasileira. Trata-se de um sentimento de colonialidade através do qual se produzem formas específicas de exclusão, xenofobia e estereotipização, mas também de apropriação, colaboração e solidariedade.

Com o conceito de intimidade pós-colonial, recorro a várias correntes teóricas que procuram compreender as relações pós-coloniais, incluindo a teoria pós-colonial clássica, a teoria decolonial e a teoria pós-colonial lusófona. Coloco estas abordagens em diálogo com a política dos afetos (*affective politics*). Através desta perspetiva, exploro a forma como as relações políticas são construídas e desconstruídas por meio de registos emocionais e corporais, procurando compreender mais especificamente como as relações pós-coloniais são sentidas e experienciadas, reforçadas e reimaginadas, através da experiência musical.

A comunicação sustenta este enquadramento teórico, em primeiro lugar, através de uma visão geral dos temas abordados no livro, incluindo a contextualização em histórias da circulação musical lusófona e das diversas cenas musicais de imigrantes brasileiros em Lisboa. Em seguida, centra-se numa análise mais aprofundada do carnaval de rua promovido por imigrantes brasileiros, que emergiu desde 2015 e constitui hoje a expressão mais visível e audível da maior comunidade imigrante de Portugal. Sendo o maior carnaval brasileiro fora do Brasil, esta festividade evidencia as possibilidades da comunidade imigrante brasileira de criar espaços de pertença, cidadania e solidariedade na sua antiga metrópole, num contexto de intimidade pós-colonial.

Ou seja, os imigrantes brasileiros mobilizam a sua legibilidade cultural na sociedade de acolhimento para reivindicar um lugar na esfera pública através de práticas festivas. Além disso, muitas vezes mobilizam a intimidade pós-colonial para atuar em conjunto com membros da sociedade de acolhimento em torno de causas comuns, participando no que designo por ações de solidariedade decolonial. Por fim, a comunicação interroga as possibilidades da intimidade pós-colonial servirem como fundamento afetivo para uma integração genuína dos imigrantes provenientes das antigas colónias.

Palavras-chave: Brasil; Portugal; Teoria pós-colonial; Carnaval; Ativismo.

Nota biográfica

Andrew Snyder, investigador auxiliar em Música e Política no Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança na Universidade NOVA de Lisboa. Obteve o doutoramento em Etnomusicologia pela Universidade da Califórnia, Berkeley. É autor de *Critical Brass: Street Carnival and Musical Activism in Olympic Rio de Janeiro* (Wesleyan University Press, 2022) e de *Postcolonial Intimacy: Brazilian Music and Carnival in Portugal* (University of Chicago Press, no prelo). É o próximo Editor-Geral de *Ethnomusicology*, a principal revista científica da área da etnomusicologia, e foi coeditor da *Journal of Festive Studies*. É também coeditor dos livros *HONK! A Street Band Renaissance of Music and Activism* (Routledge, 2020), *At the Crossroads of Music and Social Justice* (Indiana University Press, 2022), *Festival Activism* (Indiana University Press, 2025) e *Music and Modern Statecraft in Portugal* (Routledge, no prelo). Atualmente começa um novo projeto sobre festas comunistas na Europa, incluindo a Festa do Avante! e a Fête de l'Humanité.

asnyder@fcsh.unl.pt

IV. Sonic Energies. Traditional woodwind Craftsmanship as epistemic Resistance in rural Southern Italy

(comunicação em inglês)

Gerardo Costabile Nicoletta

The accelerating expansion of utility-scale renewable energy infrastructures across rural Southern Italy – wind farms, photovoltaic fields, grid corridors – is fundamentally reshaping the landscapes, soundscapes, and material ecologies that have historically sustained traditional woodwind instrument making and performance. This paper condensate the main research line of the MSCA project SonErg that stems out from a deliberately transdisciplinary (or probably undisciplined) conversation: it brings together Energy Humanities, ethnomusicology, sound studies, the anthropology of energy, critical energy studies, traditional ecological knowledge, and frameworks of epistemic justice to argue that the crafting and playing of instruments such as the southern Italian bagpipes (*zampogna*) constitute sites of situated political ecology knowledge, namely practices through which communities articulate alternative relationships to land, ecology, and energy that silently resist the extractivist logic underpinning dominant energy imaginaries.

Energy Humanities explore how energy systems are never merely technical: they organise labour, sensation, time, and cultural life. Critical energy studies and the anthropology of energy extend this insight by attending to the uneven geographies of energy siting, the colonial genealogies of resource extraction, and the ways in which communities produce their own energy epistemologies in tension with expert and state-led knowledge. Central to this paper is the concept of energy epistemology understood not only as the way energy is known and governed as an abstract substance, converted by machines and extracted from "nature", but equally as the diverse ways in which human and non-human relationships with landscape, cosmology, and the supernatural establish a sense of limits, reciprocity, and relational accountability. These vernacular energy epistemologies ground practices of self-organization, traditional ecological knowledge, and ethical restraint that contest the boundless extractivism, productivism and consumption.

Ethnomusicology and eco-organology contribute what these frameworks largely lack, namely a methodology for reading energy transitions through craft, embodied ecological knowledge, and sound. Sound studies extend this further by providing empirical tools such as acoustic measurement, soundscape analysis, spectrographic documentation through which shifts in energy epistemology become quantifiably perceptible: altered timbres, changed tuning systems, and the encroachment of infrastructural noise into ritual acoustic environments are treated here not as background data but as primary evidence of epistemological transformation.

Delving into the design of the planned ethnographic fieldwork with instrument makers and performers in rural areas of southern Italy, the paper explores hypothesis and research questions about how energy transitions from pre-fossil, fossil and to renewables materialises in the workshop and the field: as local woods, reeds, and animal skins grow scarce due to land-use restrictions and infrastructural enclosure, makers substitute synthetic materials, adopt energy-intensive tools, and reshape instruments for amplified or staged contexts. Read through decolonial thought attentive to the structural peripherality of southern Italy, these ruptures appear not as collateral damage but as predictable effects of dominant energy imaginaries that systematically discounts local knowledge and practices. Against this, the paper traces practices of creative negotiation and refusal – makers experimenting with new reed materials, altered curing techniques, hybrid material assemblages – that enact community claims to acoustic environments, material autonomy, and the intergenerational transmission of ecological knowledge. These constitute a form of what Scott would call "infrapoltics", namely low-register activism that formal political analysis consistently misses, and that only a genuinely transdisciplinary approach, one in which ethnomusicological listening, acoustic measurement, and critical social theory are placed in productive tension, is equipped to render visible.

Keywords: Energy; Southern Italy; Zampogna; Decoloniality; Infrapolitics.

Short biography

Gerardo Costabile Nicoletta, researcher specialising in discourse studies, global political economy, and environmental humanities. He obtained his PhD in Sociology at the University of Naples and subsequently worked as a researcher at Charles University (Prague), where he investigated the discursive construction of nature across various communication practices while teaching postcolonial theory. As research fellow at the University of Calabria, he has recently conducted extensive fieldwork in southern Italy examining discursive conflicts around energy transition. Combining his academic trajectory with his own practice as a maker and performer of southern Italian bagpipes and traditional guitars – activities he has disseminated through community-based events and initiatives in Cilento, a rural area of Campania – he will take up an MSCA fellowship at INET-md with the project Sonic Energies: The Impact of Energy Transition on Traditional Southern Italian Woodwind Instruments.

gcnicoletta@fcsh.unl.pt

V. "Revejo a carta que escrevi e o gajo que não respondeu"[1]: novas fadistas LGBT+ dentro do fado

Caio Mourão

O fadista e homem-gay Jonas homenageava a herança afro-brasileira do fado através da dança do "fado-batido" e do uso, nos seus poemas, do dialeto pajubá, utilizado pela comunidade LGBT+ brasileira e originado do iorubá e do nagô. Outra homenagem deu-se quando ele cantou, em "brasileiro", poemas com temáticas de religiões afrobrasileiras, como a umbanda e o candomblé.
A espontânea exposição da homossexualidade do fadista Jonas sinalizou a existência duma nova geração de praticantes LGBT+ dentro da comunidade do fado profissional, composta por artistas como o norte-americano Ryan Green e as fadistas Victor Hugo e Marta Rosa, que, assim como Jonas, homenageavam as raízes afrobrasileiras e "bizarras" do fado ao reverenciarem o figurino e a performance extravagante de Ney Matogrosso e ao mesclarem gêneros musicais cabo-verdianos e brasileiros a ele. Segundo a guitarrista Fernanda Maciel, os cantores de fado identificados como homens-gays não poderiam "soltar a franga" – expressar livremente os códigos comportamentais pertinentes à comunidade LGBT+ – durante as suas performances, por ser o fado uma prática "séria e respeitosa".

1. Frase extraída da canção *Jacarandá*, de Jonas.

Assim, partindo do pressuposto de que a não-heterossexualidade e a herança afrobrasileira continuavam presentes na prática profissional do fado, conversei com as artistas acima citadas, na tentativa de entender se elas sentiam-se discriminadas pela comunidade do fado devido à sua sexualidade; se eram tolhidas por "soltarem a franga" nos ambientes de fado; a quais lugares estaria vinculado o seu fado; e se consideravam que expandiam as fronteiras desse gênero musical.
Na busca desse entendimento, utilizei o conceito de "bizarro", que ia "além" dos marcadores de gênero identitário e sexualidade da palavra "queer", adicionando-a, interseccionalmente, aspectos musicais, raciais, sócio-econômicos e de nacionalidade. Essa palavra provinha dos antigos poemas de fado, estando sempre relacionada a condutas ou personagens transgressoras, tornando-se posteriormente uma das suas formas musicais tradicionais: o fado Bizarro. Trata-se, assim, dum conceito êmico, originado a partir do discurso da "fadistagem".
Veremos que nenhuma das artistas deu relatos de discriminação devido à sua sexualidade, e que apenas Victor Hugo decidiu mantê-la "no armário", relativamente aos ambientes de fado. Entretanto, isso não estava relacionado a qualquer receio de retaliação ou discriminação, dando-se simplesmente por sua timidez. Relativamente às casas de fado, contudo, especialmente as de Alfama, as entrevistadas afirmaram serem locais sérios e silenciosos, que funcionavam como espécies de "templos religiosos", aonde iam para reconectarem-se consigo mesmas, com o fado e a sua comunidade.
Quanto à transgressão do fado, Jonas acreditava expandir as suas fronteiras, por trazer a homossexualidade, a laicidade e a crítica social nas suas letras e por resgatar o fado-batido afro-brasileiro; Victor, pelos poemas que cantava e as suas performances bizarras; Ryan, por ser um norte-americano a cantar fado profissionalmente; e Marta, por cantar o desejo feminino e homossexual, além de misturar gêneros musicais brasileiros e cabo-verdianos ao fado.
Esta comunicação é parte da minha tese de doutoramento.

Palavras-chave: Bizarro; Fado-Batido; Raízes Afro-Brasileiras; Queer; Religiosidade.

Nota biográfica

Caio Mourão, investigador colaborador no INET-md. Doutor em etnomusicologia pela Universidade NOVA de Lisboa, onde estudou a marginalidade do fado. Mestre em etnomusicologia pela Universidade de Brasília, onde estudou o empreendedorismo musical no mercado de Brasília relativo às escolas de música alternativas e às bandas de baile. Licenciado em Educação Musical pela Universidade de Brasília com especialização em guitarra elétrica. Técnico especializado em Educação Musical do Programa Municipal de Promoção do Sucesso Escolar do município de Rio Maior, financiado pelo programa Alentejo 2030 e a União Europeia. No ensino da música, atua nas áreas de música de câmara popular, guitarra elétrica, arranjo, produção musical, história e antropologia da música. Enquanto performer, é multi-instrumentista, arranjador, produtor musical e cultural e guitarrista especializado em gêneros musicais brasileiros.

caiomourao@gmail.com

VI. Pequeno contributo para uma etnomusicologia performativa

Filippo Bonini Baraldi

O meu fascínio pela etnomusicologia, provavelmente partilhado por muitos colegas da minha geração, decorre em grande parte da possibilidade de conhecer uma cultura estrangeira através da investigação de campo imersiva e de longa duração numa pequena área geográfica, e de aprender a cultura musical local. De facto, "montar a tenda na aldeia nativa" (Malinowski, 1922) e tornar-se um ser "bi-musical" (Hood, 1960) – atos cheios de conotações políticas –, foram considerados como os dois pilares fundamentais das mais importantes escolas etnomusicológicas. No entanto, sabemos hoje que estes pilares conceptuais contribuíram para sustentar uma arquitetura rígida e eticamente questionável, nomeadamente, no que diz respeito à relação entre investigadores e "sujeitos estudados". Assim, nos últimos vinte anos, a etnomusicologia tornou-se "aplicada", "colaborativa", "participativa" ou até "ativista" (Hale, 2007; Dirksen, 2012; Pettan & Titon, 2015), abordagem que se caracteriza pelo compromisso cívico e político do etnomusicólogo, bem como pela mobilização reflexiva dos atores no terreno (Araújo, 2008; Prévôt, 2016). Nesta comunicação apresentarei duas ações desenvolvidas com o objetivo de contribuir a esse movimento de redefinição da arquitetura disciplinar, porém, sem abalar completamente os seus pilares estruturantes:

1. Num workshop chamado "etnomusicologia, experimentação e criação musical", ministrado ao longo de quatro anos na Universidade Paris 8 (2009-2014), inspirei-me em processos musicais existentes no mundo – e não em sistemas musicais –, para inventar, juntamente com os estudantes, uma música livre de qualquer forma predeterminada. Através da "incorporação" do conhecimento etnomusicológico, exploramos formas de escuta, de movimentos e de relações diferentes daquelas que conhecemos na nossa própria sociedade. O desafio desta abordagem foi simultaneamente artístico, pedagógico, mas também político, pois permitiu estimular um pensamento crítico sobre o nosso tempo presente.

2. No âmbito de um projeto FCT, em 2019 foi possível convidar treze músicos e dançarinos de "maracatu rural" (Pernambuco, Brasil) em Lisboa e realizar várias ações performativas no bairro da Mouraria. Estas ações tiveram como objetivo o de sensibilizar a opinião pública para a perda de centros comunitários/coletividades devido à pressão do excesso de turismo e da especulação imobiliária. Outro objetivo foi de defender o espaço público como um lugar para intervenções criativas e festivas, uma preocupação que os artistas de maracatu partilhavam com os moradores do bairro da Mouraria.

Concluirei propondo que este tipo de experiências performativas podem dar origem a novas "geometrias relacionais" (Bonini Baraldi, 2025) entre investigadores, estudantes e atores no terreno, "carregando" a nossa disciplina de novos significados políticos. Para sustentar esta ideia, basearei a minha reflexão nas ideias de Jacques Rancière (2008, p. 60): segundo o qual o problema da arte política "não diz respeito à validade moral ou política da mensagem transmitida pelo dispositivo representativo. Diz respeito ao próprio dispositivo. A sua fissura revela que a eficácia da arte não consiste em transmitir mensagens, fornecer modelos ou contramodelos de comportamento, nem em ensinar a decifrar as representações. Consiste, antes de mais, em disposições dos corpos, na divisão de espaços e tempos singulares que definem formas de estar juntos ou separados, frente a ou no meio de, dentro ou fora, próximos ou distantes."

Palavras-chave: Etnomusicologia performativa; Práticas artísticas participativas; Ativismo artístico; Geometrias relacionais.

Referências bibliográficas
Araújo, S. (2008). From neutrality to praxis: The shifting politics of ethnomusicology in the contemporary world. *Muzikološki zbornik, 44*(1), 13–30.
Bonini Baraldi, F. (2025). Rethinking relational geometries in musical events in Europe: Artistic devices and activistimplications. In D. A. McDonald, J. S. Reed, & A. Snyder (Eds.), *Festival activism* (pp. 52–71). Indiana University Press.
Dirksen, R. (2012). Reconsidering theory and practice in ethnomusicology: Applying, advocating, and engaging beyondacademia. *Ethnomusicology Review, 17*, 1–35.
Hale, C. (2007). In praise of "reckless minds": Making a case for activist anthropology. In L. Field & R. G. Fox (Eds.), *Anthropology put to work* (pp. 103–127). Berg.
Hood, M. (1960). The challenge of "bi-musicality". *Ethnomusicology, 4*, 55–59.
Malinowski, B. (1922/1961). *Argonauts of the Western Pacific*. E. P. Dutton & Co.
Pettan, S., & Titon, J. T. (Eds.). (2015). *The Oxford handbook of applied ethnomusicology*. Oxford University Press.
Prévôt, N. (2016). Ethnomusicologie et recherche-action : Le patrimoine musical des Nanterriens. *Cahiersd'ethnomusicologie, 29*, 137–156. http://journals.openedition.org/ethnomusicologie/2592
Rancière, J. (2008). *Le spectateur émancipé*. La Fabrique.

Nota biográfica
Filippo Bonini Baraldi, investigador principal no Instituto de Etnomusicologia da Universidade NOVA, Lisboa, no qual coordena o Grupo de Investigação "Etnomusicologia e Estudos de Música Popular". É também membro associado do Centro de Recherche en Ethnomusicologie (Crem-LESC), da Université Paris Nanterre (França).

fbaraldi@fcsh.unl.pt

VII. As relações de poder na criação musical colaborativa: negociação de hierarquias e produção de legitimidade no projeto *Sons com sabor de casa*

Klênio Barros e Eduardo Falcão

As práticas de criação musical colaborativa têm assumido um lugar central nas discussões sobre participação cultural, cidadania, justiça social e produção partilhada de conhecimento. Esta comunicação parte da questão de como se produzem, legitimam e transformam as relações de poder no interior dos processos criativos, sustentando que a criação musical colaborativa constitui um espaço privilegiado de produção social da legitimidade, no qual diferentes formas de conhecimento, memória, experiência artística e pertença cultural participam na construção de decisões estéticas.
Sons com sabor de casa é um projeto de investigação e criação musical colaborativa que se inscreve no campo das práticas musicais na comunidade e da investigação artística aplicada, centrando-se nas experiências de músicos imigrantes e de comunidades musicais deslocadas em Portugal. Mediante metodologias colaborativas de criação, reuniram-se 10 músicos, 1 compositor, 1 videógrafo e 1 fotógrafo. Através de improvisação coletiva, ensaios exploratórios e composição partilhada, promoveu-se o diálogo entre tradições musicais na (re)construção de sentidos de pertença e na reconfiguração simbólica da ideia de "casa".
Músicos provenientes de diferentes contextos culturais, migratórios e musicais constroem coletivamente obras originais através de processos de escuta, improvisação, negociação estética e tomada partilhada de decisões.

Cada decisão criativa mobilizou referências culturais, experiências musicais e memórias biográficas, tornando visíveis os mecanismos pelos quais formas de legitimidade estética, cultural e epistemológica são renegociadas. Os saberes e as experiências dos participantes não constituem referências para a criação: intervêm na definição das soluções musicais, nos critérios de validação das decisões e na própria construção do conhecimento produzido ao longo do processo.
As relações de poder são, nesta perspetiva, produzidas na interação entre participantes, através de hierarquias de autoridade, experiência e reconhecimento que são continuamente negociadas no processo de criação. O poder é analisado não apenas como uma relação que atravessa a colaboração, mas como algo que se produz e transforma no próprio fazer musical, à medida que diferentes saberes e posições de autoridade adquirem, veem reconhecida ou renegociam a sua legitimidade.
Esta leitura coloca em diálogo contributos da etnomusicologia, dos estudos da performance, da investigação artística e das epistemologias decoloniais, articulando diferentes modos de compreender a autoridade, a experiência musical e a produção de conhecimento. A análise procura compreender como diferentes formas de conhecimento, experiência e capacidade de intervenção no processo criativo adquirem reconhecimento e validade em contextos interculturais.
A reflexão assenta numa abordagem autoetnográfica, desenvolvida ao longo das duas etapas do projeto – a residência artística e a gravação em estúdio –, integrando observação participante, diário de campo, documentação audiovisual, entrevistas informais e análise reflexiva dos processos de criação. O foco incide sobre as dinâmicas de decisão, mediação e legitimação. A apresentação terá formato presencial, combinando exposição oral com a apresentação de breves excertos audiovisuais do processo de criação, utilizados como suportes empíricos e analíticos da reflexão proposta.
Esta comunicação desloca o foco dos resultados artísticos para os processos de criação, partindo das relações de poder produzidas na colaboração para compreender como se constroem, validam e transformam conhecimentos e decisões musicais.

Palavras-chave: Relações de poder; Criação musical colaborativa; Legitimação de saberes; Autoridade musical.

Notas biográficas

Klênio Barros, doutorado em Música, na área de Etnomusicologia, pela Universidade de Aveiro, e mestre em Música pela mesma instituição e em Educação Musical no Ensino Básico pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. É investigador no INET-md e no CIPEM, desenvolvendo investigação em Etnomusicologia, Educação Musical, Música na Comunidade e práticas artísticas participativas. É professor de expressão musical na Câmara Municipal de Ílhavo. Lidera projetos de investigação e criação artística com comunidades musicais deslocadas, nomeadamente imigrantes e refugiadas, em Portugal, articulando investigação, criação artística e mediação cultural.

klenio@ese.ipp.pt

Eduardo Falcão, historiador e músico, é doutorado em Música, com especialização em Etnomusicologia (2025), pela Universidade de Aveiro. Com foco no Sul da Ásia, a sua investigação explora práticas musicais na intersecção entre a história, a etnomusicologia e os estudos do património. As suas publicações resultam de um extenso trabalho de campo realizado na Índia, em Portugal e no Brasil. Na qualidade de historiador, integrou a equipa que editou a versão portuguesa da *História Geral de África* da UNESCO, publicada em 2010 no Brasil.

efalcao@ua.pt

Comissão científica e de organização
Alix Didier Sarrouy (NOVA FCSH/GI EEMP)
Klênio Barros (P.Porto/GI EMTC)
Ana Flávia Miguel (UA/GI EEMP)
Filipa Lima (NOVA FCSH/GI EHCM)
Paula Lebre (FMH/GI ED)
Alfonso Benetti (UA/GI CPIA)

Equipa de apoio à organização
Maria Peres (NOVA FCSH)
sér vales (NOVA FCSH)

Design do cartaz do Encontro
Ana Luz
Design gráfico do Programa e Livro de resumos
Maria Peres (NOVA FCSH)

Coordenador da linha temática *Poder, Política e Ativismo*
Alix Didier Sarrouy (INET-md, NOVA FCSH)
alixsarrouy@fcsh.unl.pt

Este evento é financiado com fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto INET-md, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, referência UID/00472/2025, DOI: 10.54499/UID/00472/2025.

